
Katumawaiwi: saúde da terra e as plantas companheiras em Alter do Chão, Pará

Eduardo Ferreira Silva ¹

Resumo: Esta pesquisa apresenta a vivência de uma mulher amazônica e sua troca de conhecimento tradicional, afetos e qualidades medicinais ao lado das plantas. A proposta é registrar a biodiversidade presente no quintal de Luciene Santos, moradora de Alter do Chão. As plantas fazem parte de um processo de conexão entre humanos e não humanos através de rituais da pajelança, onde espécies estão presentes em banhos de cheiro utilizados pelas pessoas à procura da cura espiritual. O conhecimento tradicional adquirido entre gerações está vivo até os dias atuais e fornece o bem estar para os humanos e para o meio ambiente, e aproxima as pessoas na luta pela preservação ambiental. Nessa relação existe harmonia e troca de afetos e qualidades medicinais que curam doenças humanas e melhoram o estilo de vida da sociedade, que sofre cada vez mais os efeitos do colapso ambiental atual.

Palavras-chave: Antropologia da Natureza; Plantas Medicinais; Amazônia.

Introdução

Neste artigo irei abordar o material etnográfico baseado na pesquisa em campo com a interlocutora a partir de sua biografia e memória de vida que são acompanhadas pelas plantas. Veremos que muito do conhecimento adquirido pelas pessoas é passado de geração a geração. Esse conhecimento tradicional é normalmente direcionado para a saúde das pessoas, onde plantas podem ser utilizadas através de preparos de remédios e também presentes em rituais que tiram do corpo as ‘panemices’, como Luciene Santos conta. Atualmente ela mora em Alter do Chão e é por lá que começamos a contar essa simbiose com as plantas, onde ela é

¹ Nasci no dia do orixá rei da justiça Xangô, 30 de setembro, signo do equilíbrio de Libra. Nasci e vivi minha vida inteira na cidade dos Tapajós, Santarém no Pará. Tenho sangue ribeirinho, indígena e preto, que com a ajuda do tempo dissolveu algumas linhagens europeias. Bacharel em Antropologia pela UFOPA, minha linha de pesquisa é bastante influenciada pelas relações entre humanos e vegetais. Fã de expressões artísticas como o canto, dança e a música, busco entender todos os dias minha personalidade, minha sexualidade, minha ancestralidade para o bom convívio comigo mesmo e, nesse exercício, para tensionar reflexões acerca de paradigmas. Email: fersileduardo@gmail.com

referência do uso de plantas medicinais, possuindo no terreno de sua casa, dezenas de espécies de plantas, entre elas medicinais, ornamentais e alimentícias.

Luciene Santos, minibiografia e as plantas como espécies companheiras

Natural de Belterra, Luciene Santos nasceu em 1953, conta como sua infância é cheia de histórias, tendo quatro irmãos, dois homens e duas mulheres, morou com seus pais durante um tempo. Houve uma época em que também ela morou em Alenquer depois que sua mãe conheceu um japonês e lá ficaram por algumas semanas. Ela lembra que quando tinha sete anos o seu pai foi para Porto Velho, capital de Rondônia, viver e trabalhar por lá, onde faleceu. A casa da sua avó, que morava em Belterra, era perto de um campo de aviação, era formada por 5 barracões de madeira e telhado de barro, do qual um deles era ocupado pelos seus irmãos. Luciene lembra da grande afeição que sua avó tinha por plantas. Sua avó gostava muito das plantas ornamentais, medicinais e ainda cultivava espécies alimentícias, Luciene conta que na casa dela todo dia tinha chá de alguma espécie de planta medicinal que sua avó fazia. Aquela senhora gostava muito de cultivar hortelã (*Mentha spicata*), manjerição (*Ocimum basilica* L.), capim-santo (*Cymbopogon citratus*), erva-cidreira (*Melissa officinalis*). Atrás da casa ela fez um cafezal no quintal. No terreno tinha muitas árvores frutíferas, como a goiabeira (*Psidium guajava*) e a bananeira (*Musa paradisiaca*).

Lá também funcionou um curral de gado, então todos tomavam muito leite e comiam muita carne bovina. Dentro dessa parte do quintal onde o curral ficava existiam cerca de 10 a 15 pés de cidra (*Citrus medica*), segundo Luciene a fruta que se parece uma laranja grande, na época da estação todos os dias eles se reuniam, subiam na árvore cidreira, descascavam e comiam o fruto. Todos da casa e também da vizinhança faziam essa colheita juntos. Ela lembra que era muito bom, brincava embaixo das cidreiras com as outras crianças e relembra essa época da sua infância com muita fartura e muito apreço. Mesmo numa vida simples na casa da sua avó em Belterra, que a influenciou muito com essa rotina de cuidados da saúde através dos efeitos medicinais das plantas, adquiriu através da sua avó a base de seu conhecimento tradicional medicinal, além de poder conhecer uma grande variedade de espécies, quando criança ela aprendia qual planta poderia usar para tratar determinada doença. De forma natural, Luciene já vivia dentro de uma biodiversidade desde cedo na sua rotina e via na prática a eficácia do poder de cura das plantas.

A minha avó gostava muito de fazer remédio caseiro, então quando tinha alguma inflamação na garganta, ela enrolava o algodão no dedo, colocava mel e colocava

andiroba, e enfiava na garganta da gente, pra curar logo, e olha, era um remédio muito bom! Eu costumo fazer isso, com as crianças e os amigos me pedem também! [Eles me dizem] faz isso aqui porque eu sei que eu vou melhorar! (Fala de Luciene Santos, quando contou sobre sua infância).

Chegando à fase adulta, Luciene Santos começou a atuar como professora no Movimento de Educação de Base através da Rádio Rural, onde, na casa de sua avó, ela lecionava para uma turma, ainda em Belterra. Segundo a autora Marilu Santos (2019), em 1961, os sistemas de aulas radiofônicas das dioceses, juntamente com os setores de educação de base da Representação Nacional de Emissoras Católicas (RENEC), passaram a constituir o Movimento de Educação de Base, para coordenar e executar todo o trabalho de educação do sistema radiodifusão do país.

O Movimento de Educação de Base iniciou-se em Santarém em meados de 1964, quando Dom Thiago Ryan assumiu a Prelazia do Baixo Amazonas e entendeu que o analfabetismo era um fator impeditivo para o efetivo processo de evangelização da população rural, então majoritária no município. Logo após visitar comunidades do interior, Dom Thiago, correlacionando o baixo acesso à catequese religiosa com a alta taxa de analfabetismo que encontrou, começou a organizar uma equipe exclusiva para o trabalho de educação popular, colocando à sua disposição um prédio em Santarém, uma embarcação e uma emissora de rádio, a Rádio Emissora de Educação Rural de Santarém Ltda. (Santos, 2019:27).

Em 1972, Luciene Santos foi para Alter do Chão atuar como professora, a convite das lideranças da região. Durante quatro anos lecionou para a 5ª série, as turmas eram formadas por jovens, adultos e também idosos. Ela lembra dessa fase de lecionar na vila como muito boa, e diz que trabalhava do jeito dela, além das aulas na sala de aula, ela fazia suas atividades de aula na praia, na floresta e recorda que ganhava retorno positivo de seus alunos que aprenderam muito com ela. Nessa época, na vila dos Borari, ela casou e lembra que o contexto era bem diferente do atual. Foi o tempo da retomada do Sairé. Esse festival popular, atualmente possui dois aspectos, rituais que envolvem majoritariamente a comunidade local, e resgatam de forma clara a identidade indígena da terra Borari. Por outro lado, existe o festival que tem forte cunho comercial, que geralmente traz atrações nacionais e atrai turistas de várias regiões. Segundo Luciana Gonçalves de Carvalho, na sua obra *Tradições devotas, lúdicas inovações: o Sairé em Múltiplas versões* de 2016:

A festa do Sairé de Alter do Chão “retomada” em 1973 se configurou como um caso exemplar de (re)invenção de tradições, resultante de um processo que apesar de inovar em certos aspectos, buscou estabelecer vínculos com um passado histórico que ficara interrompido em 1943. (Carvalho, 2016:249).

Luciene Santos teve a oportunidade de ver a Aldeia Borari em décadas distintas, quando se mudou pela primeira vez no início da década de 1970 e atualmente. Essa dupla experiência de diferentes tempos no mesmo espaço, proporcionou a ela perceber uma clara mudança no desenvolvimento de Alter do Chão. Um processo bastante conhecido e praticado na região, a gentrificação, naquela época já era previsto que ia acontecer e ao longo dos anos foi impulsionado pelo crescente turismo. Luciene conta que em 1973 um sociólogo chamado Jean Pierre, acompanhou as lideranças da vila. Ela conta que ele reunia os trabalhadores da comunidade local e dizia para a população que morava na beira do rio para não venderem suas terras.

Gente, vocês que moram aqui na beira do rio, não vendem suas terras porque vai chegar gente aqui oferecendo dinheiro para comprar terra de vocês. Não vendem! Vocês estão aqui na maior beleza que tem, o espaço de vocês aqui é maravilhoso, lindo e é muito cobiçado, vocês vão ver! (Luciene relembra a fala do sociólogo, que veio em Alter do Chão na década de 1970).

O cientista já imaginava que um forte processo de gentrificação aconteceria na Aldeia Borari. De forma que só tem praticamente duas famílias locais que moram na orla nos dias atuais. Uma casa é tipo um museu que ninguém mora lá e a outra casa é da família de um sobrinho dela, Luciene conta que quando enche o rio, o quintal da casa dele é rio também, dá para mergulhar dali. Após minhas pesquisas eu encontrei um livro do então cientista publicado pela FASE em sua versão traduzida para o português, o nome dele é Jean Pierre Leroy, e o livro *Fazer (em) comum: memórias e tributo a Jean Pierre Leroy*, de 2022.

Esse livro, que é baseado em suas experiências no Brasil, conta sua passagem em Santarém e em Alter do Chão, e nele o autor descreveu muito bem a região na década de 1970 e 1980, onde fez pesquisas e coletou material sobre o “movimento camponês” da cidade. A necessidade de trazer essas informações deste pesquisador é que, no capítulo destinado a Santarém, ele cita dois diálogos que teve com pessoas da região, mas fora da cidade. Na página 42, o autor cita o momento em que participou de um curso sobre educação popular no Rio de Janeiro e uma moça se apresenta para ele, como sendo daqui. A pessoa em questão é a filha mais velha de Luciene Santos com o seu marido que conheceu na terra Borari.

– Qual é seu nome? E o dos seus pais?
 – Meu pai é Emílio Sardinha.
 – Menina eu segurei você em meus braços no dia seguinte em que você nasceu! (Acselrad; Malerba; Rangel Tura, 2022:42).

O segundo diálogo que é citado logo em seguida é justamente com Luciene Santos, onde ela encontrou o sociólogo em Belém, em uma reunião do Fórum do Pará, e apesar de ele não citar o nome dela e nem de sua filha, no livro está a mesma conversa que eu tive com Luciene no campo de pesquisa, sobre o processo de gentrificação que o sociólogo tinha previsto do qual com ela, no momento da escrita desse texto, eu pude confirmar sua identidade e de sua primogênita Patrícia filha de Emílio Sardinha. “– João Pedro, o profeta!? Sou de Alter do Chão e me lembro, ainda muito jovem, de ter ouvido você dizer que não devíamos vender nossas casas e lotes de terra.” (p. 43)

Após esse período na Aldeia Borari, Luciene voltou para Belterra por dois anos, onde trabalhou no Colégio Santo Antônio, lecionou para turmas de quinta, sexta e sétima série, as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Nesse período, ela fez o vestibular para Letras. Luciene me conta que a primeira ideia era fazer Matemática, mas quando viu que o programa de Exatas era mais extenso, preferiu fazer logo o curso de Letras. Devido ao curso ela veio morar para Santarém. Ela me conta que esse período de mudança foi difícil pois ela morou em casa alugada por cerca de 15 anos. Com filhos, nas férias do curso, suas crianças ficaram na casa de sua avó. Enquanto ela me conta, ao fundo, diversos pássaros, que visitam o quintal atual onde Luciene mora, cantam e criam um tranquilo som ambiente onde ela relembra a fartura de alimentos que seus filhos aproveitaram, assim como ela na sua infância. “Na vovó o alimento era muito, muito saudável. Tinha bacaba, tinha açaí, vinho de tucumã, vinho de mucajá. Mingau de manga, mingau de crueira.” (Fala de Luciene quando relembra as férias que ia com seus filhos para a casa de sua avó).

Luciene conta que em seu quintal cultivava uma variedade de plantas comestíveis e que compete o alimento com as formigas. “Nós temos o nosso cheiro verde, couve, pimentão... Com muito sacrifício porque aqui as saúvas querem dividir o alimento! A gente come aqui a folha do ora-pro-nóbis, folha da moringa. A gente aproveita porque sabe que é sadio.” (Fala de Luciene Santos).

Com o canto de diversos pássaros ao fundo, como o bem-te-vi e a pipira azul, Luciene relembra que quando morou em Santarém recebeu capacitação, entrou no grupo “Conquista de Ervas Medicinais” e na época conheceu o Padre Aloísio Sebastião Boeing, que era da Comissão Pastoral da Terra. Conquista é um bairro nas proximidades da rodovia Fernando Guilhaon, onde lá com suas amigas, como a Cícera, que já tinha um trabalho com plantas medicinais, faziam coletas de frascos para colocar plantas. Nesse contexto surgiu a ideia de fazer um viveiro de plantas. Quando entrou nesse grupo, o GCEM, tinha uma variedade de

plantas, ao ponto de ir para a feira vender plantas medicinais. No bairro havia uma pequena casa, que era a moradia dos padres da paróquia, onde depois de um tempo foram para a casa central, que após deixarem o local que foi doado para a comunidade onde fabricavam os remédios caseiros. Após uma oficina entre os moradores foi escolhido o nome GCEM, Grupo Conquista de Ervas Medicinais, onde dez mulheres e um homem foram capacitados por uma equipe da cidade de São Paulo, onde estudaram a fitoterapia, homeopatia, florais de Bahr, Reiki, meditação, lembrando com muita satisfação os quase dez módulos onde a capacitação atingiu dezenas de pessoas que tiveram a oportunidade de estudar e que até hoje os grupos trabalham nas comunidades. “Eu saí de lá, vim pra cá e trouxe umas plantinhas, e comecei meu trabalho aqui.” (Fala de Luciene Santos, lembrando o período que saiu do GCEM e veio morar em Alter do Chão).

Luciene me conta, olhando para as suas plantas. Ela conta que no seu quintal já recebeu diversas pesquisas, como recebeu a visita de discentes de Enfermagem, Farmácia e Medicina, da Universidade Estadual do Pará, para ver o cultivo das plantas medicinais com o objetivo de valorizar o remédio natural. Luciene também enfatiza a defesa da Amazônia. Ela reflete analisando o contexto atual da crise ambiental e dos recursos naturais, diz que a qualquer momento podemos perder tudo. Por isso é necessário cultivar. É necessário plantar. Em 2019, Luciene se mudou para onde mora atualmente em Alter do Chão, ela tem seus pensamentos muito alinhados com ativismo ambiental e enfatiza que na sua casa pretende sempre ter o alimento natural, mas para comer o alimento natural é preciso plantar. Após a implantação da empresa de grãos Cargill, o agrotóxico se expandiu na região, sabendo disso ela diz que se não plantar o que come, você come veneno.

A construção do terminal graneleiro da multinacional Cargill se iniciou no ano de 1999 após a empresa vencer a licitação pública, onde em 2003 iniciou suas operações onde estava a belíssima praia da Vera Paz e o importante sítio arqueológico Porto. Em meio a polêmicas sobre o impacto sócio ambiental e da indignação da população local, que apreciava a praia da Vera Paz, lugar que vive apenas na memória dos moradores antigos do bairro Laguinho. Eu lembro de ver na minha infância em 2004, uma impactante manifestação social onde ativistas do Greenpeace junto a outras organizações sociais, tentaram hastear uma grande faixa no telhado da empresa, mas que foram detidos pela Polícia militar e, ao contrário da repercussão negativa da manifestação através da mídia, eu enxergava naquele movimento um propósito coerente. Após aquele momento, a empresa que exibia sua logomarca para toda a cidade ver, retirou seu símbolo e o colocou no outro lado do telhado.

Os ativistas do Greenpeace escalaram a ponte do terminal e subiram no telhado da empresa, mas foram detidos pela Polícia militar antes de abrir uma faixa com os dizeres: “Cargill: Porta da destruição”, e também pichar o telhado da empresa com a palavra “Fora”. Segundo a Polícia Militar, as prisões dos ativistas foram efetuadas para evitar danos ao patrimônio da empresa. Horas depois, os mesmos foram soltos, mas seus equipamentos de alpinismo e comunicação foram apreendidos. (Lima Cruz, 2008:29).

Sempre atenta aos debates acerca da causa ambientalista na Amazônia, Luciene conta que assistiu uma palestra sobre a questão dos impactos do mercúrio na região devido ao garimpo e reflete também sobre o uso do agrotóxico.

Eu estava assistindo uma palestra do Dr. Erik (Jennings) falando do mercúrio e que os peixes têm, então as grávidas têm mercúrio e passam no leite para as crianças. E eu pensei: meu pai do céu, quantas pessoas acometidas de mercúrio tem aqui? Porque a garimpagem continua forte. A mesma coisa é o agrotóxico, tem a liberação dos venenos, que têm veneno que não se usa em outros países e vai se aplicar aqui no Brasil. A gente que se cuide, porque quem não usa o alimento natural fica difícil. Temos que encontrar meios de sobreviver! (Fala de Luciene Santos)

Em sua atual residência, Luciene rapidamente começou a cultivar diversas plantas, mesmo que esteja naquele terreno em torno de cinco anos, no seu quintal existe uma grande biodiversidade vegetal. Ao observar todo o lugar, posso afirmar seguramente que existem mais de cem espécies, que podem ser plantas medicinais, ornamentais, alimentícias e silvestres no entorno do terreno. A voz vegetal que Luciene Santos entende é procurada por muitos visitantes, seja para pesquisas científicas da área da saúde como também visitada por pessoas que procuram o poder de cura das plantas. E essas espécies que vivem ao lado de sua cultivadora humana recebem grande afetividade, são como filhas, que pertencem à sua família.

Eu não vendo tanta planta, algumas eu vendo. Eu não gosto de vender porque tenho ciúmes delas!” Ela conta em tom de bom humor. Luciene continua: “Quando eu vejo uma planta murcha, se eu não molho, eu fico agoniada! Eu tenho que levantar à noite para molhar aquela planta. É como a gente, que tem sede e se não tiver água vai morrer! (Fala de Luciene Santos).

Luciene Santos conta que felizmente tem água na sua casa, na qual tem um poço. Ela enfatiza que se dependesse da Companhia de Saneamento do Pará, ela já teria morrido de sede. A sua casa divide dois grandes quintais. Na parte da frente se encontra grande parte das espécies de plantas medicinais, e também o canteiro principal. Na parte ao lado esquerdo da casa, onde fica quase o tempo todo na sombra, devido à mata silvestre ao lado do terreno e

também a estrutura da residência, tem uma variedade de plantas ornamentais, ao observar notei serem exclusivamente da sombra, plantas que não podem receber sol direto em suas folhas. Na parte de trás, em direção ao leste, o quintal tem muitas árvores frutíferas de grande porte, formando um pequeno bosque, com muita sombra na maior parte do dia, este ambiente é bastante ventilado e amplo. Por esse motivo ela molha as plantas da parte de trás de sua casa somente em um horário do dia, de manhã ou pela tarde. Na parte da frente da casa, em direção oeste, como recebe muitas horas de luz solar ao longo dia, é necessário molhar as plantas de manhã e de tarde. Esse hábito de dar água às plantas é praticado diariamente por Luciene, mesmo quando ela precisa ir em seus compromissos do dia-a-dia, ela precisa encaixar um momento para fazer.

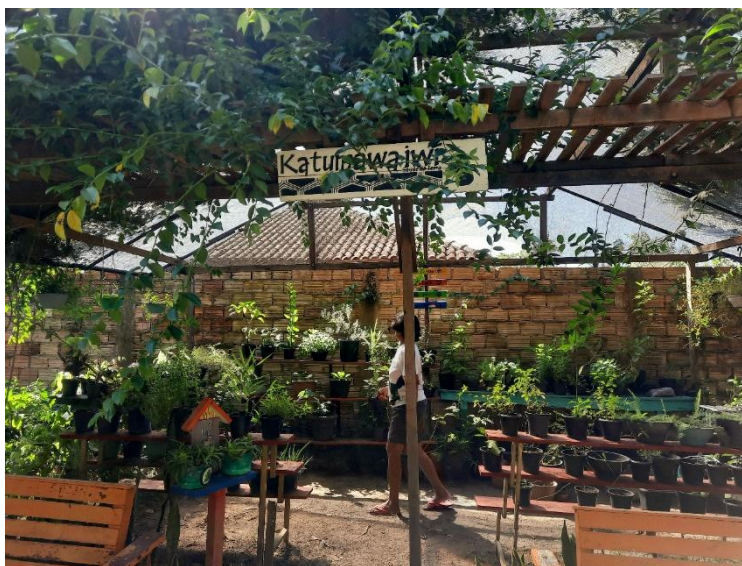
O terreno de dona Luciene é delimitado por uma cerca vermelha de madeira, e apesar de estar num perímetro residencial, no lado esquerdo está presente uma pequena porção de floresta. Morando próximo à estrada que liga a vila a outra praia bastante visitada por turistas, a praia do Pindobal, o terreno dela faz o formato da letra L que circunda a mata fechada, tendo entrada e saída para as duas ruas. Na frente, do lado de fora, já é possível ver a presença de algumas espécies de plantas ornamentais, como espada-de-santa-bárbara (*Sansevieria trifasciata*), comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta*) e um ipê rosa (*Tabebuia sp.*). Existem espécies de plantas específicas que são largamente cultivadas em frente das casas das pessoas em Santarém, assim como o cultivo de plantas ornamentais e cultivo em jardins.

Sempre na frente e perto da entrada das casas, essas plantas agem como colete a prova de mau olhar para os donos seres humanos e apesar de ser um fato muito comum na sociedade essa dispersão de uso das plantas bem como os seus poderes de proteção sejam também difundidos, sendo esse conhecimento de origem de religiões de matriz africana assim como espécies como a *Sansevieria*, é interessante notar que Santarém é uma cidade média mas que mantém muitos valores conservadores, elegendo nas duas últimas eleições presidenciais o candidato Jair Bolsonaro, de partido de extrema direita, que ocasionou o pior declínio sócio econômico do país de todos os tempos. Nos tempos em que o pior presidente da história do país poderia ser reeleito, e felizmente não ocorreu, eleitores bolsonaristas marcaram uma reunião com dezenas de pessoas que iriam percorrer de *jet-ski* no Lago Verde em Alter do Chão, que está em uma Área de Proteção Ambiental e é visitada por grande quantidade de turistas, porém o plano não ocorreu devido fazerem denúncias ao Ministério

Público. Depois de muitos pensamentos compartilhados e uma assembleia de reflexões, Luciene me chama para ajudar a molhar as suas plantas.

Katumawaiwi, saúde da terra.

Figura 1: Luciene ao lado de suas plantas no viveiro Katumawaiwi, um pé de ora-pro-nóbis se desenvolve subindo pela esquerda a estrutura do canteiro.



Fonte: foto do autor.

O costume de ter plantas ornamentais nas casas é um hábito que foi descrito por Henry Bates em seu livro *O Naturalista no Rio Amazonas* de 1863, quando visitou Santarém pela primeira vez, este que admirou-se pelos jardins bem cuidados, onde ele diz que não achava normalmente em outras regiões (Bates, 1979:140). Ainda que a arquitetura atual utilize espécies vegetais para o paisagismo em ambientes urbanos, aqui veremos que as plantas não somente enfeitam o ambiente pela sua diversidade de tamanhos e formatos, mas também vivem em completa harmonia com os seres humanos, nesta pesquisa uma mulher amazônica vivencia uma troca de conhecimento tradicional, afetos e elementos medicinais ao lado das plantas. Em certo momento da pesquisa em campo, peço que Luciene me apresente seu canteiro principal, batizado com o nome de *Katumawaiwi*, que traduzido do nheengatu significa “saúde da terra”.

Neste ambiente de aproximadamente 5×3m é feito de madeira e nele existem prateleiras na cor vermelha por onde se distribuem os vasos das plantas, em sua entrada existe uma placa que leva seu nome e sua tradução para quem não deixar despercebido. Um

pé de ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*) cresce bastante desenvolvido no lado esquerdo do canteiro de forma que alcança a parte superior formando um telhado vivo em boa parte da estrutura do viveiro de plantas. No lado direito e esquerdo da parte da frente o canteiro possui três prateleiras, enquanto que nos fundos há mais três prateleiras divididas da mesma forma, assim como nos lados. Cada espécie possui seu vaso único e no ambiente é possível observar vasos ainda não usados, assim como a estrutura necessária para a manutenção de pequenas mudas. É admirável como em um espaço pode se encontrar tamanha biodiversidade de plantas que curam uma variedade enorme de afecções que atingem os humanos, inclusive na cura da panema.

Luciene conta a necessidade de plantar espadas-de-são-jorge na frente do canteiro porque o lugar é bastante visitado por diversas pessoas e por isso as plantas precisam ser protegidas. Ali fica claro que a presença dessas espécies de plantas é importante para a saúde e proteção das outras plantas e que essas espécies devem ser plantadas na entrada do lugar. No viveiro de plantas, localizado na frente de sua residência, ao lado direito, se concentra uma grande variedade de plantas medicinais, estas que podem ser utilizadas nas mais diversas formas, sobretudo através do chá, banhos e até mesmo como alimento. Ao longo de nossas conversas, Luciene me conta que tem histórias e memórias vegetais com determinadas espécies. Nesses momentos fica evidente a afetividade e a felicidade que ela tem quando se refere às suas plantas. Quando eu digo “história e memória vegetal”, me refiro aos relatos do campo de pesquisa, no quintal da casa de Luciene, onde ela me conta uma relação intimamente ligada com algumas plantas, como a salva de Marajó, que a representa no mundo vegetal. Luciene me conta que cada pessoa tem a sua planta, uma espécie vegetal companheira. Irei seguir o texto, nomeando as plantas na ordem em que ela me apresentou, irei analisar de forma mais profunda determinadas espécies que foram usadas no cotidiano de Luciene quando ela recorda as suas histórias e memórias, geralmente para o tratamento e cura de alguma doença.

Luciene me apresenta todas as espécies medicinais em seu canteiro. Nesse espaço ela oferece tratamento para dezenas de doenças e também plantas que podem ser usadas em banhos que “eliminam os males”. Em sua entrada há uma fileira de espadas-de-são-jorge, que são conhecidas por serem guerreiras (em referência ao orixá do ferro e da guerra Ogum) contra as energias negativas direcionadas para as outras plantas. Seguirei o texto conforme ela me apresenta as espécies e me conta para quais enfermidades cada planta pode ser utilizada. Algumas recebem afetividade mais forte e algumas espécies de plantas como a

salva de marajó se relacionam de maneira íntima com Luciene e possuem histórias juntas, nesses momentos em que Luciene alcança sua memória através da relação com as plantas, ela conta com felicidade e satisfação quando ocorre a cura das enfermidades de quem ela ajuda. Usei os sites do Herbário Marlene Freitas da Silva, da UEPA, e Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS, da UFSC, para acessar os nomes científicos de todas as espécies registradas. As técnicas de preparos são muito pessoais e muitas vezes não reveladas pois são adquiridas durante anos e também como forma de respeito pelo conhecimento tradicional recebido entre as relações sociais na vida da pessoa, também não são abordadas de forma muito profunda devido a lista extensa de espécies, porém segue basicamente os mesmos preparos que são chás, garrafadas, banhos e até defumações. Aqui a proposta é registrar a biodiversidade que vive no quintal de Luciene e evidenciar os efeitos que as plantas trocam com a mulher amazônica.

Figura 2: Luciene me apresenta suas plantas medicinais. Ela começa nesse sentido, da esquerda para a direita, algumas espécies têm mais de duas mudas.



Fonte: foto do autor.

A primeira espécie que ela me apresenta é o Trevo-cumaru (*Justicia pectoralis* Jacq.), essa planta fica perto da entrada ao lado esquerdo, possui propriedade para muitas doenças, mas ela relata que é muito usada para dores e também possui aspecto ritualístico através de banhos que tiram do corpo o quebranto. O gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), geralmente se utiliza a raiz, do qual pode ser utilizada em xaropes para dor de garganta e

gripes. O Trevo roxo (*Scutellaria agrestis* A.St.-Hill Ex Benth) é indicado para problemas estomacais. O Hortelã vick (*Mentha spicata* L.) é muito bom para xaropes para tosses e também pode ser utilizado em banhos. Guaco (*Mikania leviana*) também expectorante, muito bom para problemas respiratórios. Tansagem (*Plantago major* L.) também para vários tipos de dores, problemas respiratórios e também serve de alimento. A babosa (*Aloe vera*) é usada para problemas de estômago, bom para queimaduras, e inclusive para fazer massagem. Catinga de mulata (*Tanacetum vulgare* L.) planta aromática, muito boa para fazer banho de cheiro que tiraram as ‘panemices’. A panema, palavra de origem tupi, possui aspecto complexo e sobre acontecimentos peculiares, têm viés negativo e envolve a pessoa acometida com má sorte e infelicidade, as ‘panemices’ atrapalham a vida da pessoa. O conceito da panema é presente na crença popular, e além disso, é presente na vida cotidiana das populações tradicionais amazônicas, pode interferir inclusive na subsistência das pessoas, incapacitando a caça, pesca e as relações sociais. Entre diversos fatores, a feitiçaria pode ser uma das causas da panema e os métodos de cura para ela normalmente são empregados através de banhos e defumações de uma variedade de ervas. Na obra *Panema: uma crença do caboclo amazônico* de 1951, o autor Eduardo Galvão, escreve na página 222:

Essa força mágica, impessoal, que a maneira do mana melanésio "infecciona" homens, animais e objetos. É porém um mana negativo. [...] Como a panema é muito fácil de ser adquirida, procura-se evitar a infecção recorrendo-se a uma série de técnicas preventivas. Essas incluem banhos e defumações em que a pimenta e o alho são os principais ingredientes, ao lado de um sem número de ervas, "resguardos" e abstenções de determinados alimentos. (Galvão, 1951:222).

Na página 225, ele completa: “Embora cada indivíduo tenha predileção por determinado processo ou fórmula, todos eles consistem basicamente em banhos ou defumações. [...] A dosagem, composição, número de banhos ou defumações, dependem do conhecimento individual e da intensidade da panema.” (Galvão, 1951:225).

Figura 3: Parte do viveiro de plantas próxima a entrada à direita. Ao fundo, nota-se outras árvores do quintal como o tronco de uma espécie de mangueira.



Fonte: foto do autor.

Figura 4: Luciene me apresenta a planta catinga de mulata, usada para eliminar as panemices.



Fonte: Foto do autor.

Figura 5: Parte de trás do canteiro próximo ao muro.



Fonte: foto do autor.

Figura 6: Luciene me apresenta um pé da Salva de marajó, ao lado esquerdo um pé de mutuquinha.



Fonte: foto do autor.

Perto da entrada do viveiro de plantas medicinais de Luciene, agora ao lado direito, tem um sabugueiro (*Sambucus australis*), planta que pode atingir porte grande, é

utilizada no tratamento da catapora através do chá de suas flores. Ao lado tem a cavalinha (*Equisetum giganteum* L.) é uma planta formada por hastes finas e longas, aparentemente não possui folhas devido serem muito pequenas e, Luciene me conta que só pode usar quando ela não tem nenhum nó. Possui Hortelã (*Mentha piperita*) muito utilizada em diversas enfermidades que podem ser desde dores até para a saúde bucal. Há também um pé de Salva do Marajó (*Hyptis crenata*). Essa espécie de planta possui um aspecto especial para Luciene, ela é a sua planta no mundo vegetal. Essa espécie vegetal recebe grande afetividade de Luciene, onde as duas possuem muitas histórias juntas, além disso ela utiliza essa planta para uma diversidade de doenças e está presente em rituais que acontecem no seu quintal rodeado pela mata silvestre, onde banhos de ervas são preparados e tomados por determinadas pessoas com o objetivo de “eliminar os males” do corpo humano, as plantas curam as ‘panemices’.

Pra mim ela é tudo. Eu utilizo muito. Quando fiz o curso de Fitoterapia, o nosso professor disse que cada um de nós usamos uma planta para tudo. Foi quando eu disse que uso a salva de Marajó! Para dor no estômago, febre, problema respiratório, diarreia, para tudo. E eu cultivo bastante, tenho mudas pequenas e tem a matriz que é a maior, sempre recomendo para as pessoas devido a sua eficácia. É uma planta bem aromática, eu uso também para banhos. Nos rituais que a gente faz aqui, usamos a salva de marajó, hortelã do maranhão, hortelãzinho, vick, catinga de mulata e uso a essência também, que ajuda a eliminar vários males. (Fala de Luciene, logo após me apresentar a espécie salva do marajó).

A vida diária de Luciene é repleta de histórias vegetais, onde suas plantas companheiras compartilham momentos de afeto e de cura, proporcionando o bem-estar individual e a manutenção da saúde do ser humano. Ao contar sua relação intimamente ligada com a salva de marajó, Luciene relembra uma história vegetal com outra espécie que está ali ao lado. A planta mil folhas (*Achillea millefolium*) possui porte pequeno e suas folhas são pequenas e compostas que formam ramos. Luciene me conta um momento em que a irmã dela ficou muito doente, e sem saber mais o que fazer, recorreu aos conhecimentos de Luciene para melhorar de saúde. Nesse depoimento a interlocutora demonstra o aspecto da crença como parte dos métodos de cura através das plantas.

Uma vez minha irmã estava com muita febre, dor no corpo, a noite não conseguiu dormir, ela me disse: “mana, faz um chá pra mim!” Aí eu vim para cá (no viveiro de plantas) e fiquei pensando “meu Deus, qual é o chá? De que folha eu faço para minha irmã?” De repente eu olhei para a mil folhas, peguei uma folha, fiz o chá, dei para ela. Ela conseguiu dormir, aliviou as dores e a febre. Foi excelente! Então, eu acho que a gente pedindo a benção para Deus, ele vai nos indicar o que é bom! (Fala de Luciene Santos ao me apresentar a espécie de planta “mil folhas”).

Em outro momento Luciene relembra quando utilizou o chá da trapoeraba, boa para alergia, com a salva de marajó, sua espécie vegetal que usa para tudo. Luciene me conta muito feliz quando percebe a melhoria da pessoa em tratamento, pois tem a fé e sabe que a planta vai curar.

Eu tive a visita de três pessoas defensoras dos Direitos Humanos, e uma delas estava com muita alergia e me pediu para fazer um chá. Fiz com a salva de marajó e a trapoeraba que é boa para alergia também. Depois de pronto eu dei para ela tomar, ela dormiu bem a noite. Na outra noite ela disse: "olha, o chá foi excelente! Eu vou querer o chá na próxima noite." Então isso pra mim foi ótimo! (Luciene me conta experiência de tratamento com o chá da salva de marajó e trapoeraba).

Na parte próxima ao muro do canteiro (Figura 4), em prateleiras que formam uma espécie de escada em tom vermelho, vive a Arruda (*Ruta graveolens*). Esta planta está muito relacionada ao mau olhado, Luciene conta como esta planta sinaliza quando sofre por causa dessa energia negativa, onde pode definhando até morrer, se tornando uma planta frágil e que merece atenção redobrada. No canteiro existe um pé de Mutuquinha (nome científico não localizado) que é utilizado para problemas do estômago. A Coramina (*Pedilanthus tithymaloides*) é muito utilizada como ornamental, segundo Luciene a planta é muito boa para o coração. O Confrei (*Symphytum officinale*) ótimo cicatrizante e antiinflamatório. A oriza (*Pogostemon heyneanus* Benth.) é uma planta aromática que pode ser utilizada através de chá para o tratamento de gripes e também em banhos.

O Aranto (*Bryophyllum daigremontianum*) pode auxiliar no tratamento de câncer, essa planta possui propriedades analgésicas e anti-inflamatórias. O Alecrim (*Rosmarinus officinalis*) é uma planta aromática que vive no canteiro, além de ser usada como tempero, em seu estado seco é utilizado para defumações. O Marupazinho (*Eleutherine bulbosa*) é uma herbácea bulbosa excelente para o combate de diarreias. No canteiro tem um pé de Japana (*Ayapana triplinervis*) conhecido por eliminar as 'panemices' do corpo além de outras diversas doenças. A Perpétua (*Alternanthera brasiliana*) possui flores de forte tom roxo e podem ser usadas para doenças do coração. O Hortelãzinho (*Mentha pulegium*) é uma variedade de hortelã que possui folhas pequenas e o Hortelã do Maranhão ou Folha grossa (*Plectranthus amboinicus*) muito bom para gripes e é expectorante. Também tem um pé de Jambu (*Acmelia oleracea*) que é uma espécie de planta muito utilizada na culinária amazônica, possui efeito anestésico e estimulante além de tratar diversas doenças. O Manjerição (*Ocimum americanum*) é uma planta muito aromática, assim como o jambu, é utilizada na culinária, mas de maneira menos presente na cultura regional, esta planta é mais

utilizada em banhos de cheiro que são energéticos. A Corama (*Kalanchoe pinnata*) é uma planta suculenta, muito boa para queimaduras e inflamações.

São essas as plantas medicinais que vivem no canteiro *Katumawaiwi*, e como registrei, nele existe uma farmácia viva, que pode curar uma infinidade de doenças que afligem o ser humano. Luciene demonstra orgulho e satisfação quando me apresenta suas plantas, a afetividade é nítida e ela tem satisfação em repassar o seu conhecimento, que é extenso. Aos poucos muitas dessas metodologias de extração e utilização desses medicamentos naturais vão se perdendo no tempo, devido à quebra da tradição nas gerações, onde não é aprendido esse conhecimento tradicional, acredito que isso ocorre também aos efeitos de uma educação padrão imposta pelo governo, que não aborda o conhecimento do próprio povo, este que influencia positivamente na sociedade. Atualmente esse conhecimento que é intimamente ligado aos recursos naturais, estão em risco também pelo colapso ambiental, onde o calor aumenta drasticamente e a seca dos rios se agrava rapidamente. Apesar disso, na família de Luciene esse saber tão rico é presente até hoje é já é adquirido e vivenciado pelas gerações mais novas com sua neta Maria Clara. Na casa dela, as plantas tornam o espaço acolhedor.

Na parte de fora do canteiro de plantas, no lado esquerdo, um pé de ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*) se desenvolve plenamente, com seus espinhos a planta cresce facilmente por cima do telhado do canteiro. Luciene me diz que o ora-pro-nóbis tem muita propriedade medicinal e propriedade alimentar, e sabendo disso ela tem o hábito de se alimentar dessa espécie todo dia, quando vai molhar as plantas. As duas, então, tem grande proximidade e dentre as plantas medicinais que ela possui, esta é uma das que está mais desenvolvida em tamanho. Neste momento ela me conta um interessante hábito que aprecia, que é possuir muitas variedades do mesmo tipo de planta e o gosto pela coleção de espécies.

Todo dia quando venho molhar as plantas eu tiro a pontinha das folhas para comer. Eu como de manhã ou coloco no arroz, na carne, no feijão. Tem um bocado de folha por aqui sem ponta. Olhando a propriedade dela, você não precisa tomar outro tipo de remédio, então prefiro comer isso aqui!" A folha desta planta pode ser cozida, pode colocar na frigideira, deixar torrãozinho, pode comer com o pão. Faz o chá, suco que pode ser feito com uma fruta. Ela dá uma flor linda que dá poucas vezes ao ano. Ela tem espinhos. Essa é uma espécie de ora-pro-nóbis. Ali do outro lado tem outra espécie e pra cá pra trás também tem outra espécie. Tenho três espécies, mas me disseram que tem nove espécies! (Fala de Luciene Santos ao se referir ao ora-pro-nóbis).

Ela comenta também sobre seus ipês:

Tenho esse ipê aqui, não sei se é rosa, branco ou roxo. Não é amarelo, porque tem uma folha diferente. Tem um lá fora também, não sei a cor dele. Mas do outro lado debaixo daquela árvore tem o ipê amarelo. E ele filha bastante, tem muito filho dele aí.

Segundo Luciene, a Moringa (*Moringa oleifera*), assim como ora-pro-nóbis, possui muita propriedade medicinal e alimentar, ela me diz que essa planta é de grande porte e facilmente pega de galho e me conta uma memória da inauguração do seu espaço e viveiro de plantas. Ela deixou preparado no canteiro, para que cada pessoa que viesse, plantasse uma semente de moringa e que depois de um mês elas teriam que voltar e buscar suas mudas da planta. Após esse período as plantas estavam bem bonitas, mas pouca gente veio buscar, depois Luciene doou para as pessoas que queriam. Ela ainda me conta o conhecimento sobre a relação de uma espécie de planta com outro animal, que são a sucuba (*Himatanthus articulatus*) e um tipo de lagarta que se alimenta da planta.

Olha essa aqui é a sucuba (apontando para uma árvore grande). Eu vou ter que tirar ela daí porque quando ela começa a dar flores, dá uma lagarta com listras vermelha, branca e preta. Acho que ela é até flamenguista. Elas são grandes e não ficam só na árvore, se espalham, elas entram em casa, o que é um perigo para as crianças. Ela gosta muito da sucuba. (Fala de Luciene ao me mostrar seu pé de sucuba).

O leite da sucuba é fortificante, as pessoas usam muito como cicatrizante e anti-inflamatório. É uma árvore muito grande, e pode ser usada naturalmente, sem manipulação. Luciene lembra também da copaíba (*Copaifera sp.*), onde o óleo é extraído direto da árvore após perfuração. Hoje em dia não é fácil achar essas propriedades vegetais de forma pura, ela lembra que isso ocorre muito com o mel, onde as pessoas misturam com açúcar e vendem como se fossem o mel verdadeiro.

Além das espécies que estão presentes em seu viveiro, no quintal de Luciene tem a Carqueja (*Pterospartum tridentatum* L.) muito boa para problemas respiratórios. O capim-santo (*Cymbopogon citratus*) é uma espécie de planta aromática e seu chá adocicado é indicado para dores no estômago e como sedativo. A Bananeira (*Musa paradisiaca* L.) é uma planta muito utilizada seja através de seu fruto como alimento, mas também com grande utilidade medicinal, como o tratamento de problemas intestinais. O Pião branco (*Jatropha curcas* L.) possui folhas em tom verde claro é bastante utilizado para muitas doenças como a gastrite. O Pião roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) possui folhas em tons de roxo escuro, é utilizado em banhos para descarrego e sua seiva leitosa é usada para o tratamento de fungos e

micoses. A terramicina (*Alternanthera brasiliana*) é muito boa para dores e inflamações. O Crajiru (*Fridericia chica*) planta trepadeira, muito boa para anemia. A Espinheira Santa (*Monteverdia ilicifolia*) é uma planta muito boa para doenças do estômago. A Citronela (*Cymbopogon sp. Spreng.*), Luciene utiliza para espantar os insetos. O Cipó alho (*Mansoa alliacea (Lam.) A. H. Gentry*) é uma espécie de planta utilizada para dores de cabeça e em banhos de descarrego. Luciene ainda tem um pé de Mirra (*Tetradenia riparia*) é uma planta aromática também boa para dores de cabeça e tirar quebranto. No quintal também tem a Canela de velho (*Miconia sp.*) boa para artrite e artrose, assim como dores musculares. Há também um pé de Sara tudo (*Justicia calycina*) possui pequenas flores vermelhas, essa planta é boa para inflamações. Possui um pé de Limoeiro (*Citrus x limon*), Luciene diz que tem um livro do qual na sessão do limoeiro existe uma página inteira de doenças que podem ser tratadas por essa planta, do qual o fruto é rico em vitamina C.

Também tem um pé de Jabuticaba (*Plinia spp.*) que seus frutos são muito apreciados e tem elementos que ajuda em problemas de estômago e intestino. O Alecrim do norte (nome científico não encontrado) é uma planta aromática de porte grande e usado em banhos de cheiro. A Preciosa (*Anibal canelilla*) pode ser usada para melhorar o sono. Há também um pé de Laranjeira (*Citrus x sinensis*) pode ajudar no tratamento de uma diversidade de doenças como gripes e problemas de estômago. Pé de curumim (nome científico não encontrado), Luciene me conta que as pessoas usam os galhos dessa planta como cama, no o local onde se faz a bebida fermentada tarubá. Mamoeiro (*Carica papaya L.*) Tem seu fruto muito consumido e suas flores podem ser usadas no tratamento de diabetes. O Açaizeiro (*Euterpe oleracea Mart.*) popularmente conhecida pela bebida feita de seus frutos também tem propriedade medicinal como antioxidante e para anemias. Outra planta conhecida pelo fruto é o Cajueiro (*Anacardium occidentale L.*) também possui propriedades medicinais e pode ser usada basicamente inteira, da casca da árvore até a castanha da fruta. Tem também um pé de Cipó taia (nome científico não encontrado) muito bom para reumatismo. O Pau de angola (*Piper arboreum*) é uma planta muito utilizada através de banhos em rituais de proteção espiritual. A Erva cidreira (*Melissa officinalis*), muito conhecida como calmante, também tem elementos que ajudam no tratamento do reumatismo. O Cravo de defunto (*Tagetes erecta L.*) é uma planta exótica que pode ser usada no tratamento de cólicas e antifúngica. O Boldo (*Plectranthus barbatus*) é uma planta que é usada para problemas do estômago e também em banhos de descarrego. A Trapoeraba (*Commelina erecta L.*) também é utilizada para o tratamento de problemas estomacais e

alergias. E finalmente um pé de vinca (*Catharanthus roseus*) ajuda no tratamento da febre e hipertensão. Todas essas espécies de plantas estão espalhadas amplamente pelo quintal de Luciene, que se perdem em meio às plantas ornamentais e a mata ao redor do terreno. Tenho a certeza de que posso ter deixado de registrar alguma outra espécie em meio a tanta diversidade e ela ressalta que plantas que são conhecidas pelos frutos também possuem propriedades medicinais. Algumas dessas plantas registradas possuem dupla funcionalidade, que tratam doenças através de chás e também de banhos de descarrego para eliminar para quebranto e ‘panemices’ do corpo humano.

A experiência de viver rodeada pela flora e fauna é muito apreciada por Luciene, ela conta que é muito bom acordar de manhã com o canto dos pássaros e dos macacos. A grande presença de espécies vegetais atrai a fauna, muitos pássaros passam pelo local, agradecem com seus cantos os momentos de minhas conversas com Luciene em seu quintal. Luciene me conta a história de um urutau que vivia entre as árvores de sua casa. Essa espécie de ave com costumes noturnos é conhecida por se camuflar em troncos secos, que de maneira fácil se confunde com o vegetal devido a tonalidade cinzenta de suas penas. Por muito tempo ele gostava de viver por ali e despertava a curiosidade dos visitantes, Luciene diz que ele foi embora, e que canta mais longe nas noites de lua cheia. Esta espécie de pássaro que vive por toda a região amazônica é relacionada a mitologias indígenas como na história presente na obra *A mulher que virou urutau*, de Jekupé e Kerexu (2011):

Uma índia muito bonita vivia sonhando acordada com o grande Jaky, o Lua. Ele era seu grande amor. Todas as noites a índia ficava olhando e reparando em sua beleza, principalmente nas noites de céu limpo com lua cheia. Nesses momentos, a bela índia dizia para Jaky, o Lua, que sentia um forte amor por ele e que, se pudesse, gostaria de vê-lo bem de perto. Mas como ele estava muito distante, a índia ficava só, remoendo seu sonho (Jekupé e Kerexu, 2011:2).

No dia a dia de cultivo das plantas, enquanto ela está cuidando de suas espécies vegetais, ela está totalmente presente naquele espaço e tempo. Ela conta que se doa completamente para suas plantas, necessita dar atenção para elas, e está sempre fazendo novas mudas. Quando ela me conta suas experiências de cultivo e sua rotina de cuidado com suas plantas fica muito claro a afetividade que ela tem com as suas espécies companheiras vegetais.

Eu fico muito triste quando alguma (planta) morre, então quando eu vejo alguma murcha eu cuido de logo dar água pra ela. Eu estava viajando e minha filha dizia:
– Mamãe, todo dia a senhora tá perguntando pelas plantas, a gente tá molhando, a senhora gosta mais das plantas do que de nós!

– Não, porque as plantas precisam de alguém para cuidar delas. Vocês cuidam de vocês mesmos! Olhem minhas plantas, por favor!
Assim que cheguei de viagem minha filha diz:
– Mamãe, tá aqui as plantas que sobreviveram!
Aí eu procurei uma pimenteira que estava ali num vaso.
– Cadê a pimenteira?
– Ah mãe, eu coloquei no chão, as saúvas comeram!
(Depoimento de Luciene sobre uma conversa com sua filha).

Após essa viagem, ela fez questão de contar quantas plantas tinham sobrado. Na última vez que contou quantas espécies de plantas ela tinha em sua casa, Luciene contou entre 80 e 90 espécies vegetais. Mas observando todo o seu terreno se somar todas as espécies de plantas além das medicinais, com as frutíferas e ornamentais, facilmente o número passaria de uma centena de espécies de plantas. Algumas plantas ela não cultivava, elas brotam do chão como a alfavaca (*Ocimum basilicum* L.), quebra pedra (*Phyllanthus niruri* L.), beldroega (*Portulaca oleraceae* L.) e o cipó taia (nome científico não encontrado). Luciene me conta um episódio que a deixou muito chateada quando funcionários da empresa que faz a distribuição de energia elétrica da cidade, a Equatorial Energia, cortaram plantas que ela tinha plantado na frente de sua casa. Ainda é muito presente a ideia que as árvores atrapalham a vida das pessoas, e com o respaldo indireto do governo, não existe o devido conhecimento de preservação ambiental.

Essa espécie que está seca, mas já está brotando, é um pé de jacarandá, chamam de carobinha também, medicinal. Tinha dois desse lá na frente do quintal perto da cerca. E aí a Equatorial (concessionária de energia elétrica) quando colocou poste na rua, derrubou e arrancou pela raiz. Se eu tivesse por aqui eles não tinham arrancado. Ela estava bem encostada no muro e não ia fazer dano nenhum ao fio elétrico. Deveriam ter podado. Eles disseram para a Lena: “o seu terreno é da cerca para dentro, pra cá é público.” O que é público você pode derrubar, pode destruir. Eu fiquei muito chateada, reclamei mas eles já tinham cortado, né?

Ao lado do seu canteiro, um pé de mangueira bonito e formoso se desenvolve e Luciene conta que a fruta dele é um tipo de manga pequena muito saborosa. Ela conta: “Tem essa mangueira, que dá uma fruta bem pequena. Na primeira vez que fui para Gurupá, eu acompanhei as mulheres de lá, e na casa do padre de lá tinha duas mangueiras desse tipo. Muito deliciosa! Todo dia eu e o Padre íamos juntar um monte de manguinhas”.

Nesse contexto social que envolve os humanos, as plantas e quintais urbanos na Amazônia, ocorre com uma certa frequência a circulação das espécies vegetais através da troca de plantas entre as pessoas. Esse movimento ocorre de forma justa que todos saem ganhando, as mulheres trocam de espécies vegetais e conhecimento. Luciene me explica que

é comum que pessoas chegam na sua casa com plantas a fim de trocar pelas espécies do quintal dela, que podem vir da vizinhança e até mesmo de bairros longe como em Santarém. Essa troca ocorre também quando ela viaja e visita outras pessoas.

Eu troco de plantas. Estou até esperando uma senhora que disse que ia levar umas plantas pra mim. Eu sei que ela vai trazer e vai querer outras. Uma vez veio uma senhora enfermeira lá do bairro Matinha, em Santarém. Ela chegou aqui num carro cheio de vinte plantas e disse:

- Eu trouxe umas plantas pra ti! Algumas medicinais e outras ornamentais.

Então eu disse:

- Agora você pode escolher o que quer levar. Você pode levar a planta que tem mais de duas mudas, só de uma não pode!

Ela escolheu e levou as plantas. Nas vezes quando visito alguém a pessoa me pergunta se tenho tal planta e pergunta se eu a vendo. Eu digo que vendo e troco. Se a pessoa tiver

alguma planta que eu não tenho, a gente troca!

Luciene me fala sobre como as crianças aprendem o conhecimento tradicional das plantas de maneira fácil e rápida e elas já tem em mente o bem estar que as espécies vegetais fornecem. Essa tradição permanece viva até hoje. Aquela que Luciene aprendeu com sua avó, hoje Luciene vê sua neta com os mesmos hábitos.

A minha neta Maria Clara, uma vez ela estava com muita tosse e a mãe dela ia levá-la ao médico.

– Bora tomar banho!

– Eu quero banho com folha!

Vimos escolher as folhas aqui, coloquei na bacia, macerei bem as folhas e dei a ela e foi

embora para o consultório. Chegou lá o médico disse:

– Hum, mas ela tá muito cheirosa! O que foi que aconteceu? Tomou algum remédio?

– Eu tomei banho de ervas com a minha avó.

O médico não comentou nada, Luciene me diz que alguns conhecem, mas que são poucos no Norte os médicos que trabalham com as plantas medicinais, e cita os médicos cubanos que segundo ela conhecem muito. Ela cita o Dr. Frederico Neves, do qual trabalha com plantas medicinais na cidade (segundo o site Escavador, ele fez Graduação em Medicina na USP e Mestrado em Recursos Naturais da Amazônia pela UFOPA). De fato, é bem raro encontrar um médico que trabalha com plantas medicinais, deveria ter bastante médicos que utilizam os vegetais de forma natural, devido ao número de espécies com princípio ativo usado para o tratamento de doenças presentes no nosso ecossistema.

Todo dia Luciene separa pelo menos duas horas para molhar todas as suas plantas. Devido ao sol direto na parte da frente de sua casa, as plantas necessitam ser

molhadas duas vezes ao dia. O que não precisa ser feito na parte de trás pois é mais arborizada e tem mais sombra.

Eu molho de manhã cedo. É uma hora para molhar esse canto todinho! Começo por aqui e termino nas roseirinhas. Aí vou molhar o outro lado (do quintal). De manhã eu não molhei lá, daqui a pouco vou começar a molhar lá porque é sombra então tem problema nenhum molhar agora. Levo uma hora lá também (para molhar).

Em seu terreno, que tem um ambiente amplo e arborizado, Luciene me conta que acontecem rituais com banhos de cheiro em datas específicas e que são fechados apenas para pessoas selecionadas. Muitos deles têm a presença do pajé da região de Alter do Chão, o Nato Tupinambá, que é importante líder religioso e político no movimento indígena do rio Tapajós. Esses momentos tem a presença de plantas como artefatos fundamentais para o início dos rituais tem o propósito de eliminar os males no corpo do ser humano, as ‘panemices’, que são energias negativas relacionadas à má sorte. Luciene me conta que se você não acreditar não adianta usar as plantas, essa fé faz parte do ritual e tem aspecto importante para desencadear a cura através das plantas. Isso pode fazer com que as pessoas não utilizem os vegetais e recorrem ao médico do hospital.

Segundo Dayana Dar C. da Silva e Ednara Crismyne Oliveira França:

No cotidiano das populações amazônicas existe um modo específico de vida, uma relação profunda com a natureza. O uso das plantas é feito por diferentes formas e aplicações no combate das enfermidades ou por sua eficiência mágico-religiosa. Os especialistas no preparo de remédios para o corpo e alma, também preparam banhos para tirar a má sorte, fazem simpatias, rituais de rezas, massagem terapêuticas e usam de plantas como amuletos protetores. Para que tenha eficácia é necessário que o indivíduo envolvido nessas práticas tenha fé. (Silva e França, 2012:8).

Considerações Finais

O conhecimento tradicional acerca do poder de cura das plantas proporciona um melhor estilo de vida para quem cultiva os vegetais, o que reflete na saúde humana e ainda é base fundamental para momentos ritualísticos das populações indígenas. Essa relação entre humanos e não humanos que é intermediada pelas plantas, vem sendo trazida aos tempos atuais através da oralidade e pela tradição, passada de geração em geração, mesmo com o forte epistemicídio do saber local. Em contextos urbanos como em Alter do Chão, que é um distrito que faz parte da cidade de Santarém no Pará, as populações tradicionais da Amazônia cultivam em seus quintais diversas espécies de plantas e nesses lugares é nítido que a própria presença vegetal ajuda no bem estar do ser humano e também de outras espécies de animais.

Os estudos feitos nesses locais são importantes para analisar como a preservação da vida natural contribui para o bem estar do ser humano em meio ao colapso ambiental atual que é consequência da própria ação humana, da qual utiliza os recursos naturais como combustível para o modo de produção capitalista.

Segundo Amauri Siviero:

Estudos etnobotânicos realizados em quintais urbanos, especialmente na Amazônia, podem contribuir para a compreensão e a conservação de recursos genéticos e culturais. [...] Os responsáveis pelos quintais urbanos, especialmente as mulheres de mais de 50 anos, podem ser considerados como guardiães e manejadores de hotspots de diversidade agrícola. (Siviero, 2014:798-812).

Podemos aprender com nossos povos tradicionais amazônicos como cultivar a biodiversidade através do cultivo de plantas, estas que podem ser ornamentais, alimentícias e medicinais. O costume de “coleccionar” espécies e suas variedades é feita com afetividade e não encara as plantas apenas como seres em “estado vegetativo”, esses povos tratam as plantas como devem, enxergam nelas a vida que elas possuem e as respeitam da mesma forma que outros seres vivos. Esse respeito atrelado ao aspecto da crença, a fé, é chave para o movimento do poder de cura das plantas, é uma força mágica que ativa a propriedade medicinal do vegetal. É preciso acreditar na planta, é preciso respeitar o vegetal, somente assim, através do cultivo, que as espécies vegetais retribuem com os seus poderes medicinais. Atualmente essa relação está em perigo devido ao agravamento do colapso ambiental.

As estimativas desse colapso que antes eram previstas para acontecer em 30 anos, estão acontecendo hoje. E de forma mais severa e imprevisível. Não dá para calcular os danos que os seres vivos e seres encantados estão sofrendo diante desses desastres ambientais históricos. Estamos enfrentando secas históricas jamais registradas, em tempos adversos. Para onde foram os seres que viviam nas águas? Até quando essa seca continuará levando nossos recursos hídricos? Quando a temporada de chuvas irá voltar? Em meio a guerras ao redor do mundo, o que os governantes estão fazendo para lidar diante das dezenas de cidades amazônicas que se encontram isoladas e em estado de emergência? Parafraseando Ailton Krenak e Davi Kopenawa, precisamos de ideias para adiar o fim do mundo, e eu acredito que podemos aprender com os povos originários, os povos tradicionais, diante desse cultivo das plantas e seus poderes de cura, como a biodiversidade dos seres vivos ainda pode ser respeitada e preservada, para que todos possam ter um amanhã antes de o céu cair.

Referências Bibliográficas

- ACSELRAD, Henri; MALERBA, Julianna; RANGEL TURA, Leticia (orgs). 2022. *Fazer (em) Comum: memórias e tributos a Jean Pierre Leroy*. Lavras, MG: Nous Kardia Consultoria.
- BATES, Henry Walter. 1979. *Uma Naturalista no Rio Amazonas*. São Paulo: Editora Itatiaia Limitada.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves de. 2016. *Tradições devotas, lúdicas inovações: o Sairé em múltiplas versões*. Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, v. 6(1):237-259.
- CRUZ, Sandra Lima. 2008. *A soja (Glycine max L. Merrill) e seus impactos sócio-ambientais na região oeste do Pará (municípios de Santarém e Belterra)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Hídrica e Ambiental). Belém, Universidade Federal do Pará. Disponível em: <<https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/2446b>>. Acesso em: 07/11/2023.
- GALVÃO, Eduardo. 1951. “Panema. Uma crença do caboclo amazônico”, Revista do Museu Paulista, n. s., v. 5:221-225.
- Herbário Marlene Freitas da Silva, UEPA. (<http://www.herbariomfs.uepa.br>; acesso em 08/11/2023).
- Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS, UFSC. (<http://www.hortodidatico.ufsc.br>; acesso em 08/11/2023).
- JEKUPÉ, O.; KEREXU, M. 2011. *A mulher que virou urutau*. São Paulo: Panda Books.
- SANTOS, Marilu Roberta Pimentel. 2019. *O Movimento de Educação de Base e a Cultura Popular em Santarém de 1964 à 1984*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Sociedade). Santarém, Universidade Federal do Oeste do Pará. Disponível em: <<https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/432>>. Acesso em: 07/11/2023.
- SILVA, Dayana; FRANÇA, Ednara. 2012. *Plantas que curam: eficácia simbólica na religiosidade popular*. Anais dos Simpósios da ABHR, v. 13.
- SIVIERO, Amauri et al. 2014. *Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9(3):797-813. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv9n3_2014/plantas%28siviero%29.pdf>. Acesso em: 07/11/2023.
-
-